

XIV JORNADAS DA EBP
SEÇÃO SÃO PAULO

BOLETIM
TU
DEVES...

#02



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção São Paulo

OBRA FRATURA - FERNANDA LEAL

TU DEVES..

SUMÁRIO

- 3 ... espiar o editorial
- 5 ... ler o eixo 1:
Manifestações Clínicas
Paradigmáticas do SUPEREU
- 12 ... ler as articulações de
Carolina Koretzky
- 15 ... ler sobre toxicomania no
mundo de hoje
- 19 ... ser impactado
- 21 ... buscar referências
- 26 ... propor o seu trabalho
- 28 ... garantir sua inscrição
- 29 ... conhecer a diretoria e as
comissões organizadoras

... espiar o editorial



Francisco Fialho Durante

Participante da Comissão de Boletim das XIV Jornadas da EBP-SP

Imagem: [marco bianchetti_unsplash.com](https://unsplash.com/photos/marco-bianchetti)

O segundo boletim das XIV Jornadas da EBP-SP, Bem-Feito, Supereu! nos relança à dialetização do estatuto do Supereu e suas articulações na prática analítica contemporânea. Como orientação do Eixo 1 de trabalho, Heloisa Prado Telles e Patrícia Bichara nos conduzem pelas estruturas do supereu e sua participação “por meio de um *traço singular* em cada *falasser*”.

Carolina Koreztky, nossa convidada internacional para essas Jornadas, nos presenteia com sua articulação da função Nome-do-pai e o laço social em uma época que o Outro é inexistente. Tu debes...não perder essa leitura!

E a toxicomania? Como pensar sua relação com o supereu? Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros nos ajuda a refletir a atualidade do lugar do objeto droga e suas consequências na economia psíquica do sujeito contemporâneo a partir do imperativo: *Goze!*

A comissão de arte conversou com Fernanda Leal, autora da obra *Fratura*, que compõe a identidade visual de nossas Jornadas este ano. Tu debes... acompanhar o percurso da construção dessa artista visual em uma entrevista concedida à comunidade analítica. Tu debes...se deixar impactar!

Partindo do equívoco homofônico entre *bem feito/bem-feito*, a comissão de referências bibliográficas percorre o caminho da ferocidade da lei do supereu com Freud, Lacan e Miller em direção ao fim de análise com colegas psicanalistas e a invenção na sublimação como um destino possível e singular.

Boa leitura!

ler o eixo I

Heloisa Prado Telles e Patrícia Bichara
Membros da EBP/AMP
Participantes da Comissão de Orientação das XIV
Jornadas da EBP-SP



Imagem: nasa_unsplash.com

EIXO I - MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS PARADIGMÁTICAS DO SUPEREU

Que uso podemos fazer do conceito de supereu na prática analítica? Como se evidencia seu funcionamento? Por quais manifestações clínicas poderíamos encontrar seus rastros?

I

Não mais centrada na fecundidade da descoberta do inconsciente, a segunda tópica freudiana será consolidada mediante a necessidade de alojar os fenômenos que têm no conceito de *repetição* seu índice mais perturbador e intrigante. Esta nova formulação decorre, ainda, de um limite que se revela a Freud, anteriormente localizado por outras vias e que recebera, em seus primeiros trabalhos, o nome “umbigo do sonho”. Lacan o destacará como um “não reconhecido”, um nome do impossível de passar pela palavra, ou pelo simbólico, toda a experiência do inconsciente: a dimensão do insondável em todo sonho. Interpretará este ponto nodal, estrutural, como o ponto onde todo discurso faz furo, como algo que está no limite da análise¹.

O supereu é um dos nomes do inconsciente, nos diz Miller, como censura exercida sobre o sujeito, como corpo estranho no sintoma, como sua opacidade². No entanto, o que se apresenta como lei insen-

1 LACAN, J. O umbigo do sonho é um furo (1975). *Opção Lacaniana*, n. 82, abril 2020, p. 14.

2 MILLER, J.- A Clínica del superyó (1981). *Conferencias porteñas. Tomo I*. Buenos Aires: Paidós, 2009, p. 132.

sata pode responder a um saber inacessível. O sujeito é confrontado com o furo, com um ponto da lei do discurso para o qual lhe falta um saber. Assim, “[...] o supereu, por um de seus estados, é sempre o outro significante, um significante que, como tal, não é subjetivado ou dialetizado. [...], um S_2 cuja inércia deriva do fato de que [ele] não representa o sujeito”³. Portanto, um significante diferente daqueles que teriam a propriedade de representar o sujeito quando articulados a um outro significante, a um S_1 . Eis um ponto que marca o limite entre a representação e a não-representação.

A segunda tópica incorpora o limite da interpretação, diz respeito ao que insiste, ao que se repete sem sentido, ao mais-além do princípio de prazer. Este limite da incidência da palavra, este limite entre a representação e a não-representação engendraria a própria “gênese” do funcionamento do supereu – isto se colocou como orientação.

A importância atribuída aos resíduos verbais localizados no Eu conduz Freud a propor que “[...]o *Super-eu não pode negar sua origem no que foi ouvido*, pois é parte do Eu e continua acessível à consciência a partir de representações verbais”⁴. O que ressoa com o proposto por Lacan no *Seminário 4*:

[...] a incorporação de certas palavras, dentre outras, está na origem da formação precoce daquilo a que se chama o supereu⁵, [...] este supereu tirânico, fundamentalmente paradoxal e contingente, [que] representa por si só, *mesmo entre os não-neuróticos*, o significante que marca, imprime, impõe o selo no homem de sua relação ao significante⁶.

O supereu é feito por aquilo que foi *escutado*, implicando, mas não necessariamente, o que fora *dito* por um outro. Atesta a divisão do sujeito solidária de sua inscrição na linguagem. Se é uma instância, ou melhor, um funcionamento como Lacan insiste em assim nomear, o supereu participa por meio de um *traço singular* em cada *falasser*. Traço que se revelará, sob transferência, em ditos, em indícios, signos talvez discretos, mais constantes ou mesmo sinais exuberantes, que a clínica nos convida e permite isolar em cada caso, uma vez que estamos balizados pelo ensinamento lacaniano de que “habitar a linguagem é algo que deixa vestígios”⁷. Sem estas marcas ou detritos de linguagem, não há *falasser*.

Um enunciado primordial, contingente, ou uma frase marcante, sem alcance de sentido, carregam um gozo próprio que nutre o Supereu: o sujeito, sob a exigência de gozo, executa o programa traçado por uma marca invisível⁸.

Numa experiência de análise, o “ouvir-se falar”⁹ pode advir e abrir a dimensão do dizer, aquele que está esquecido por trás do dito¹⁰. Miller¹¹ nos dá o exemplo de um sujeito que repetia incessantemente “É

3 MILLER, J.-A. Del superyó a la voz como objeto a-fónico. *Freudiana*. Escuela Lacaniana de Psicoanálisis. Barcelona, n. 98, mayo-agosto 2023, p. 13. Primera parte de la clase XI del Seminario inédito *Jalons dans l'enseignement de Lacan*, de 24 de febrero de 1982.

4 FREUD, S. O Eu e o Id (1923). In: *Obras completas, volume 16: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 66.

5 LACAN, J. O *Seminário*, livro 4: a relação de objeto (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 178.

6 *Ibid.*, p. 216. Grifos nossos.

7 LACAN, J. O umbigo do sonho é um furo (1975), *op. cit.*, p. 17.

8 MONIER, J. L. Phrases marquantes : entendues dans l'enfance, faisant destin, après-coup, trauma. 54^a Journée da ECF, *Phrases marquantes*. École de la Cause freudienne, 2024. Disponível online.

9 MILLER, J.-A. Del superyó a la voz como objeto a-fónico, *op. cit.*, p. 20.

10 LACAN, J. O aturdido (1972). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 448: “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve”.

11 MILLER J.-A. *L'orientation lacanienne*. Jalons dans l'enseignement de Lacan. Cours du 24 février 1982, inédit. *Apud* ADAM,

preciso sempre terminar o que se começou” – ao repetir esse dito, ficava esquecido que se tratava do dizer de seu pai¹². Dessa maneira, podemos nos servir da fórmula: “o supereu surge como um dito, imperativo, que faz esquecer que ele é o produto de um dizer”¹³.

II

Recolher elementos clínicos paradigmáticos de modo pontual não se revelou tarefa fácil, e por uma simples razão: cada um mereceria maior precisão teórica e do contexto clínico correspondente, o que foge ao escopo do que propomos aqui. O que se segue são recortes visando inspirar a investigação ou a escrita a partir da própria prática analítica.

Nas neuroses, a relação intrínseca com a pulsão

Uma das mais importantes formas de expressão do supereu, o sentimento de culpa origina-se, antes de tudo, do antagonismo entre as exigências pulsionais e as restrições impostas pela cultura. Pode decorrer da relação do sujeito com a falta e com a angústia de castração, de uma crítica ou censura, de uma satisfação masoquista de padecer¹⁴ ou como necessidade de punição¹⁵.

A íntima relação entre culpabilidade e supereu evidencia-se sobretudo na neurose obsessiva, como demonstram as sucessivas proibições, ordens e castigos que o Homem dos Ratos se impõe. Não sem articulação com um ponto de gozo, captado por Freud ao relatar o castigo dos ratos atribuído ao Capitão Cruel: “percebe-se [...] uma expressão facial composta de elementos muito peculiares, que somente posso interpretar como *horror diante do seu prazer, ignorado por ele mesmo*”¹⁶ – cena de violência que cataliza elementos em torno de um ponto indizível.

O que Freud recolhe transcende o que advém da culpabilidade. Oferece exemplos do “eterno retorno do mesmo”¹⁷ enquanto compulsão à repetição e da perturbadora constatação de que o sujeito pode apegar-se a algo que não lhe faz bem – o supereu, a partir desta dimensão, deve ser incluído em uma série com a pulsão de morte e o masoquismo primordial¹⁸.

Na relação com o desejo, impõem-se armadilhas ao sujeito impedindo-o de se lançar em direção ao objeto¹⁹. Quando se arrisca, há “intervenção do supereu na forma de acidente extraordinário”, levando o sujeito a almejar a destruição do Outro²⁰, responsabilizando-o pelo fracasso, pois é da “natureza do desejo [...] necessitar do apoio do Outro”²¹. Como consequência, vê seu desejo esvaecer, diminuir e vacilar, com-

R. Ce qui reste oublié ou la logique du dire. *La Cause du Désir*, n. 119, 2025. Paris : ECF, p. 43.

12 *Ibidem*.

13 ADAM, R. Ce qui reste oublié ou la logique du dire. *La Cause du Désir*, n. 119, 2025. Paris: ECF, p. 43.

14 Cf. CAMPOS, S. *Supereu/Uerepus*, das origens aos seus destinos. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015, p. 89-90.

15 FREUD, S. O mal-estar na cultura (1930). In: *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 377.

16 FREUD, S. O Homem dos Ratos. In: *Histórias clínicas*. Cinco casos paradigmáticos da clínica psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 347.

17 FREUD, S. *Além do princípio do prazer* (1920). Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 95.

18 MILLER, J.-A. A Clínica del superyó (1981), *op. cit.*, p. 135.

19 CAMPOS, S. *op. cit.*, p. 175.

20 LACAN, J. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 415. *Apud*, Campos, *op. cit.*, p. 175.

21 LACAN, J. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958), *op. cit.* p. 415.

patível com o modo estrito, rigoroso de se relacionar com o desejo, levando até a anulação deste²².

O sintagma “os que fracassam no triunfo” coloca a céu aberto o paradoxo entre um adoecer em decorrência da realização de um profundo desejo há muito nutrido – há, sem dúvida, diz Freud, uma relação causal entre o sucesso e a doença²³.

As estratégias do obsessivo frente ao Outro incluem não somente a destruição, mas a blasfêmia, a rivalidade, a submissão, o altruísmo, o empenho em satisfazê-lo como modo de se esquivar da morte²⁴.

Mas, o supereu também pode ser um modo de fazer o Outro existir: “[...] um Outro reduzido a um objeto, a uma voz – em conexão com um gozo sempre inadequado”²⁵, nos diz Ram Mandil a partir de sua análise. Assinala que um dos momentos do encontro com o supereu se dava ao despertar, onde estavam em jogo o encontro com a inexistência do Outro, a angústia e a emergência da voz do supereu que “indicava uma falha moral cuja punição não tardaria em chegar” - o que não desapareceu totalmente com a conclusão da análise. No entanto, esta pôde construir um circuito, cuja função foi assegurar a existência corporal em conexão com o Outro, que se recompunha a partir dessa voz recriminadora²⁶.

Nas psicoses, uma função que não conhece limites

Em suas *Memórias*, Schreber nega ser aquele que, como um paranoico, relaciona tudo a si mesmo, e afirma: **é o Outro que relaciona tudo a mim**²⁷ - como um *tu* que vê tudo, entende tudo, anota tudo; “um *tu* incansável, incessante, que o provoca a respostas sem nenhuma espécie de sentido”²⁸, nos diz Lacan.

No entanto, se o supereu pode estar nesta função do *tu*, a *erotomania*, em Schreber, não deve ser inscrita de imediato no registro do supereu²⁹. Com Laurent, entendemos que o texto de Schreber coloca um terceiro enigma além do enigma do sentido e da significação: trata-se do enigma do gozo de Deus; um Outro que goza de seu ser passivo³⁰, um Outro mortífero. Com sua “língua fundamental” tentará cernir este gozo inominável³¹, deslocalizado, intrusivo. Tem de enfrentar um Deus que quer feminilizá-lo, sobre o qual recai toda a culpa. Na paranoia, nos diz Miller, “existe uma confusão entre o lugar do Outro e a culpabilidade; é o Outro que não é ético”³².

22 Cf. CAMPOS, S. *op. cit.*, p. 175-176.

23 FREUD, S. Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica; II: Os que fracassam no triunfo (1916). In: *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 261.

24 Cf. CAMPOS, S. *op. cit.*, p. 175-176.

25 MANDIL, R. Supereu: verdade e real. In: CAMPOS, S. *op. cit.*, p. 249.

26 *Ibidem*, p. 250.

27 LACAN, J. *O Seminário: livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 309.

28 *Ibidem*, p. 311.

29 *Ibidem*, p. 147.

30 LAURENT, E. Tres enigmas: el sentido, la significación, el goce. *El sentimiento delirante de la vida*. Buenos Aires: Colección Diva, 2011, p. 89.

31 *Ibidem*, p. 150.

32 MILLER, J.-A. Patologia da ética. In: *Lacan elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 350. Conferência ditada em São Paulo em junho de 1989 e publicada posteriormente como: Angle sur le sentiment de culpabilité. *Cause du Désir*, n. 118. Paris: École de la Cause freudienne, 2024.

Uma contribuição inédita à clínica do supereu será proposta por Lacan, em sua tese de psiquiatria *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Citemos Miller³³: “[...] o que cura a paciente é o que ela faz: ataca o outro, a perseguidora, o ideal exteriorizado, a imagem ideal que também é odiada”. Por este ato, é condenada. A cura se deu nem tanto pelo ato em si, mas pelo castigo sofrido - ao ser castigada, Aimée se satisfaz. Lacan a inscreve em uma categoria clínica que denomina como paranoia de autopunição, uma *paranoia superegóica* - uma invenção, nos diz Miller, que marca a entrada de Lacan na psicanálise.

A forclusão do Nome-do-Pai desnuda como ocorre a relação à língua³⁴ e a decomposição espectral do lugar do Outro³⁵, como já está posto no *Seminário 3*, no consagrado exemplo “Eu venho do salsicheiro”. Vejamos: Um circuito se fecha entre dois pontos: o fantoche na frente da jovem mulher - que fala, e no qual ressoa a mensagem que é a dela - é ela própria que, enquanto Eu, é sempre um outro que fala por alusão. É como se ela dissesse de si mesma: “*Eu, a porca, eu venho do salsicheiro, já sou desconjuntada, corpo espedaçado, membra disjecta, delirante, e meu mundo se vai em pedaços, como eu mesma*”³⁶.

A palavra que volta do exterior veicula a voz áfona, que se torna audível, presença sonora que invade o sujeito de forma injuriosa, apontando para o seu ser de gozo. Esse “nome de insulto” parte da cadeia significante que, por sua desarticulação, favorece a emergência do real na voz que se impõe como certeza³⁷.

O ensino de Lacan permite situar o funcionamento do supereu nas psicoses ultrapassando a baliza colocada por Freud de que o supereu resulta do recalque originário, da divisão no Eu ou ainda como herdeiro do Complexo de Édipo.

Melancolia, uma enfermidade do supereu, a dor de existir

Em 1917, Freud dá um passo crucial ao localizar, na melancolia, uma *afecção* na constituição do Eu: “[...] uma parte do Eu se contrapõe à outra, avalia-a criticamente e a toma como se fosse um objeto”³⁸. O início da formalização do Supereu situa-se aqui, nesta clivagem do Eu - há, efetivamente, um novo estatuto do sujeito em elaboração em Freud.

Na melancolia, a ação “desta parte Eu”, nesse momento das descobertas freudianas, justificaria o desânimo profundamente doloroso, a suspensão do interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição da capacidade de realização, a perda do “sentimento de si” - *Selbstgefühl*, “convicção do próprio valor e poder”³⁹, que encontramos traduzido por autoestima.

33 MILLER, J.-A. Clínica del superyó (1981), *op. cit.* p. 133. Ver também: LAURENT, E. Los tratamientos psicoanalíticos de las psicosis. *El sentimiento delirante de la vida, op. cit.*, p. 158. Mediante à fuga do sentido, o sujeito se situa por meio do curto-circuito da passagem ao ato.

34 LAURENT, E. Los tratamientos psicoanalíticos de las psicosis. *El sentimiento delirante de la vida. op. cit.*, p. 149.

35 *Ibidem*.

36 LACAN, J. O *Seminário*, livro 3: as psicoses (1955-1956), *op. cit.*, p. 64.

37 Cf. BOCA, C. M. *Voz. Scilicet: As psicoses ordinárias e as outras sob transferência*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2018, p. 361.

38 FREUD, S. Luto e melancolia (1917[1915]). In: *Neurose, Psicose, Perversão*. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 105.

39 Cf. CARONE, M. em sua tradução para o texto freudiano. In: FREUD, S. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 46. Nota de tradução. O prefixo *Selbst* (auto), que comporá vários outros termos no texto de Freud, reflete a importância do movimento de “retorno à própria pessoa”. O prefixo *selbst*, esclarece Marilene Carone, “corresponderia em português à partícula apassivadora ‘se’”: torturar-se, punir-se etc.”

Com Lacan, podemos falar numa perturbação no sentimento de vida e do amor de si: artifício vital, necessário para que o ser do sujeito seja efetivamente recoberto pelo brilho fálico, pela imagem que ele veste⁴⁰.

Há a presença maciça do sentimento de culpa, às vezes não dialetizável⁴¹, de autorrecriminações e autoinsultos, podendo culminar na expectativa delirante de punição⁴² - consonantes com a *ambivalência* colocada em relação ao objeto.

Lacan dará todo o destaque, a propósito da melancolia, à posição do sujeito como objeto dejetivo e ao sentimento de indignidade – o qual Freud denominou “radical abjeção”⁴³. A designação do ser reduzida ao real do objeto, a uma palavra sem atributos, faz com que nos defrontemos, por vezes, com um sujeito sem par⁴⁴ - esta ausência de um deslocamento significativa, da articulação significativa, torna-se ponto de dificuldade para o trabalho analítico.

O insuportável de viver ou a dor de existir, uma especial “proximidade com o real”, o risco da passagem ao ato, serão aspectos clínicos fundamentais, onde a precipitação suicida encontra-se marcada por um automatismo, um mecanicismo, um caráter imperativo, em função da especial relação com o objeto – na melancolia, é o objeto que triunfa⁴⁵.

O caroço da palavra, o valor traumático do supereu

Encontramos no *Seminário 1* uma teoria do supereu articulada à função da palavra, tal como Lacan situa a própria experiência analítica. Ao comentar o caso Robert, de Rosine Lefort, introduzirá para a única vocalização desta criança, repetida aos gritos sem cessar – *O lobo!* –, o sintagma “a palavra reduzida ao seu caroço”. Trata-se do estado nodal da palavra, ponto onde o Eu “é completamente caótico [e] a palavra interrompida”. No entanto, segue Lacan, é justamente a partir desse ponto “que ela [a palavra] poderá encontrar o seu lugar e se construir equivalendo-se a um *imperativo*”⁴⁶.

Por que Lacan eleva esse ponto nodal da palavra à “encarnação do Supereu”⁴⁷? Trata-se da qualidade de *sem-sentido*, um significante único que, por estar sozinho, é *insensato*. O *sem-sentido* equivalendo ao imperativo, ou seja, um significante “que não quer dizer nada, mas que tem um valor de gozo superegóico, fazendo uivar o sujeito”⁴⁸. Para Robert, não há o sentido que uma lei veicula, a lei

40 BORIE, J. Quand la mort seule est désirable. *La lettre mensuelle*, n. 126. Paris : École de la Cause freudienne, 31 octobre 2020. Disponível online.

41 MILLER, J.-A. Patologia da ética, *op. cit.*, p. 350.

42 FREUD, S. Luto e melancolia, *op. cit.*, p. 100.

43 FREUD, S. Duas mentiras infantis (1913). *Obras completas, volume 10: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia, o caso Schreber, artigos sobre técnica e outros textos*. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 321. Freud aqui se refere ao caso da Sra. G., uma senhora diagnosticada de início como uma histeria que se transforma em neurose obsessiva. No entanto, será posteriormente considerada como um caso de melancolia, com interações aos cuidados de Binswanger, psiquiatra suíço. Sobre ela, diz Freud: “Uma mulher gravemente enferma [...] que nos primeiros anos de vida fora uma criança teimosa e insatisfeita. [...] Houve acontecimentos, ainda na escola primária, que na época da enfermidade a levariam a fazer-se graves recriminações, julgando-os prova de uma radical abjeção”.

44 Cf. BORIE, J. *op. cit.*

45 LACAN, J. *O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 364.

46 LACAN, J. *O Seminário, livro 1: os Escritos Técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p. 125. Grifos nossos.

47 *Ibidem*.

48 LACADÉE, P. Le sujet em faute de jouissance. *Mental 50 : Gourmandise du Surmoi*. Paris, novembre 2024, p. 164.

das articulações das palavras; ela é insensata porque esta criança não tem a chance do código do dito senso comum⁴⁹.

Em outro exemplo, uma experiência de análise permitiu elucidar como um significante-sozinho pode encarnar o valor traumático do supereu. No caso, os pedaços de *lalíngua*, as sílabas *no-ni* - forma particular de se referir ao sono de uma criança na língua familiar - ao serem ouvidas, a partir da voz materna, ordenavam: *Durma!*⁵⁰. Gustavo Stiglitz destaca justamente a ação da substância de gozo, do S_1 , do significante-sozinho. Os efeitos da *lalíngua* do supereu materno estavam ligados, como o final de análise permitiu elucidar, a algumas manifestações sintomáticas: exigência de lentidão, adormecimento, desejos inibidos e esquivos⁵¹.

EIXO 1 – CÁPSULAS

A repetição como índice do supereu;

A primeira escuta: resíduos verbais e *lalíngua*;

O supereu nutre-se do gozo da linguagem;

Culpabilidade e neurose obsessiva;

Paranoias superegóicas;

Depressão, dor de existir e perturbações no sentimento de vida;

Compulsão à repetição, pulsão de morte e melancolia;

Passagens ao ato e *actings-out*;

O “único ato bem-sucedido”, o suicídio;

Psicoses infantis e autismo.

49 *Ibidem*, p. 165.

50 STIGLITZ, G. Indocilidad. In: CAMPOS, S. *op. cit.*, p. 239-240.

51 *Ibidem*, p. 240.

... ler as articulações de Carolina Koretzky

Carolina Koretzky
AME da ECF/AMP

O enodamento pelo social: gulodice e lei de ferro¹

Os não-tolos erram [*Les non-dupes errent*], eis uma formulação que joga com o equívoco, que “soa tão bem”² com os Nomes-do-Pai [*Noms-du-Père*], no plural. A crítica da raiz religiosa subjacente à ideia de *Um pai* já havia outrora ocupado Lacan na primeira e única aula que ele pôde dedicar ao tema, no dia seguinte à sua excomunhão³. Em sua função de nomeação, o Nome-do-Pai é, antes de tudo, um semblante que se coloca sobre um furo⁴. Esse termo “semblante” não designa nada de inautêntico ou falso; trata-se de um operador de ligação que associa uma significação a um enigma. Lacan valorizará cada vez mais sua função; nesse movimento, a função de um x é fundamental e marca a pluralização do significante do Nome-do-Pai, pois, a partir daí, as variáveis de uma função podem ser múltiplas segundo os casos. Na fórmula tornada célebre, “podemos prescindir do Nome-do-Pai [...] com a condição de nos servirmos



Imagem: thiebaud faix_unsplash.com

- 1 Extrato do texto originalmente publicado em: KORETZKY, C. Du nouage par le social. In: *Mental*. Revue Internationale de psychanalyse. Paris: EFP, n. 50, p. 67-72, nov. 2024.
- 2 LACAN, J. (1973-1974). O Seminário, livro 21: *les non-dupes errent*. Aula de 13 nov. 1973. Inédito. No original: “consonn[e] si bien”.
- 3 Cf. LACAN, J. (1963). Introdução aos Nomes-do-Pai. In: *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- 4 Cf. LACAN, J. O engano do sujeito suposto saber. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 337.

dele”⁵, é o seu valor de uso que é fundamental, em detrimento de um culto dedicado a esse pai que, no entanto, marcou o início da psicanálise. Lacan faz eco das consequências, na constituição da subjetividade, do abalo da crença e da adesão ao *Um pai da tradição*: aquele que interditava o gozo pela lei, aquele que instaurava um destino por seu vínculo com uma tradição e moldava assim o laço do sujeito ao seu desejo e ao seu gozo. Lacan já o havia assinalado outrora: esse pai revelou-se progressivamente como semblante, chegando a evaporar-se⁶, e o deslocamento que dá título ao Seminário 21 indica uma das consequências possíveis dessa *semblantização*.

“Do que não são tolos esses não-tolos?”, se pergunta Jacques-Alain Miller; “eles sabem que o Outro é só um semblante”⁷. “Os não-tolos são aqueles ou aquelas que se recusam à captura do espaço do ser falante”⁸: eles (se) recusam a captura, a serem capturados pelos significantes que nos constituem e nos determinam, que traçam um destino sem que o saibamos. Trata-se de uma recusa da captura pelo simbólico. Eles pretendem ser sujeitos de sua própria palavra (auto-dicção, autodeterminação, auto-nomeação), mas sem estarem, antes de tudo, assujeitados ao Outro.

No entanto, a recusa da captura pelo simbólico conduz a um “isso erra”. Lacan recorre aqui à etimologia, em que se constata a convergência entre “vagar” [errer] e “erro” [erreur], mas é a raiz do baixo latim *iterare* que ele fará valer com *iter*, a viagem. Sem os marcos do simbólico que traçam um destino sustentado por um desejo, esses não-tolos avançam em uma errância, isto é, “sua vida é só uma viagem” e Lacan acrescenta: “aqueles que neste mundo baixo – como dizem – são como estrangeiros”⁹.

Tal sujeito erra, viaja com pouca bagagem, aliviado desde então do peso das marcas do Outro, dos significantes-mestres. Contudo, ao acreditar-se não tolo, ele acaba “mais tolo ainda que os outros”¹⁰, pois, ao não ser tolo de sua alienação primordial, ele viaja sem ancoragem, perdido em um mundo em que apenas o imaginário prevalece. Os tolos também erram, mas sua errância no simbólico – à qual o dispositivo analítico os convida – constitui a única chance de aproximar-se do real¹¹: não há outra saída senão se “colar à estrutura”¹².

Impõe-se então uma questão ética: o que fazemos com o que se apresenta a nós como enigmático, que atinge nossos corpos ou nosso pensamento e nos divide? Como preservar “uma ética que se fundaria na recusa de ser *não-tolo*”¹³? Em seu texto “Uma fantasia”, J.-A. Miller retoma o final do Seminário “Les non-dupes errent” e lembra, com Lacan, que uma psicanálise demanda que se ame seu inconsciente, pois, em si, “o inconsciente primário não existe como saber”¹⁴. Para fazê-lo existir, é preciso o amor que é “me-

5 LACAN, J. (1975-1976). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 132.

6 Cf. LACAN, J. (1968). Nota sobre o pai. In: *Opção lacaniana*. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo: Eolia, n. 71, nov. 2015, p. 7.

7 MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética / con la colaboración de Éric Laurent*. Buenos Aires: Paidós, 2013, p. 11.

8 LACAN, J. (1973-1974). *O Seminário, livro 21: les non-dupes errent*. *Op. cit.*

9 Idem.

10 Idem.

11 Idem. Aula de 11 jun. 1974. “Perceber que o inconsciente é, sem dúvida, desarmônico, mas que talvez nos leve um pouco mais perto desse real do que a esse muito pouco de realidade que é a nossa – essa do fantasma –, que ele nos leve para além: ao puro real.”

12 Idem. Aula de 13 nov. 1973.

13 Idem.

14 MILLER, J.-A. Uma fantasia. In: *A fábrica de psicanalistas*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2025, p. 220.

dição entre os Uns-sozinhos”. De fato, o amor faz “relação simbólica” entre S_1 e S_2 no lugar da relação que não existe. Amar seu inconsciente atravessa o desejo do analisante que ama produzir ligações entre os significantes – algo que parece tornar-se raro na época da inexistência do Outro.

Lacan indica que à viagem no imaginário do não-tolo responde uma lei. Mas não é uma lei que, mortificando o gozo, introduz o sujeito no desejo, na perda e no amor, mas uma lei que orienta rumo um “projeto” a ser realizado. **Ser nomeado** para uma função, eis o que veio “substituir o nome do pai”¹⁵. Esse **nomear para** uma função indica, certamente, um caminho a seguir, mas este caminho, longe de provir de um desejo engendrado por uma perda de gozo, decorre de uma ordem em que o social adquire uma “prevalência de nó”¹⁶. A **ordem de ferro** é a consequência do “retorno do nome do pai no real”¹⁷, como efeito de sua forclusão contemporânea. Em um artigo recente, Laurent Dupont analisa os efeitos do que ele chama pertinentemente de uma “clínica do significante-mestre instável”, que “produz uma flutuação, ou um ‘flutolamento’ [*floutement*]¹⁸ [...]: o significante-mestre já não é suficientemente mestre para carregar o sujeito, deixando-o um pouco mais flutuante”. Por isso, continua ele, “observamos [...] uma tentativa de enrijecer o significante introduzindo um efeito de certeza sobre o significante que flutua [...] até a possível cristalização de um S_1 que venha fazer função de amarração”¹⁹.

Parece-me possível aproximar esses atuais efeitos de certeza e essa cristalização de um S_1 como pertencentes à ordem de ferro; aqui, a função social vem precisamente tentar evitar a viagem no imaginário que deixa o sujeito na errância.

Tradução: Gustavo Menezes

Revisão: Camila Popadiuk

15 LACAN, J. (1973-1974). O Seminário, livro 21: *les non-dupes errent*. Op. cit. Aula de 19 mar. 1974.

16 Idem.

17 Idem.

18 N.T.: O autor faz um trocadilho com a palavra “*flottement*” (flutuação; oscilação) com “*flouer*” (enganar; tornar tolo).

19 DUPONT, L. La mentalité, le S_1 et la certitude. In: *Mental*. Revue Internationale de psychanalyse. Paris: EFP, n. 49, jun. 2024, p. 126.

... ler sobre toxicomania no mundo de hoje

Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros

Membro da EBP/AMP

Participante da Comissão de Boletim das XIV Jornadas da EBP-SP



Imagem: Viktor Paris_unsplash.com

ALGUMAS ARTICULAÇÕES SOBRE O SUPEREU E A TOXICOMANIA

O que podemos pensar sobre a toxicomania nos tempos atuais e a sua relação com o supereru?

Beneti, em seu texto “A toxicomania não é mais o que era”¹, nos apresenta a mudança do lugar e da relação do sujeito com o objeto droga. Ele afirma que o mundo mudou e que o consumo de drogas é o real contemporâneo.

O autor explica que no “mundo de ontem” os ideais da cultura eram maiores que os objetos mais-de-gozar. Ao colocar a lanterna na estrutura de funcionamento da cultura, Beneti faz a diferença da relação com o objeto droga e suas consequências na economia psíquica do sujeito. Se no “mundo de ontem” a “passagem-ao-ato era transgressiva”, hoje os objetos mais-de-gozar são maiores do que os ideais. Agora, com o discurso da ciência via indústria farmacêutica somos todos toxicômanos e “a passagem-ao-ato é homicida”.

1 BENETI, A. A toxicomania não é mais o que era. In: MEZÊNCIO, Márcia et al. (orgs). *Tratamento possível das toxicomanias*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

Do ponto de vista do “Tu deves”, ressaltado no argumento das Jornadas², é possível considerar que no “mundo de ontem” o que operava era um ponto de basta efetuado pela lei, pelo supereu. Já no “mundo de hoje”, este mesmo “Tu deves” apresenta-se pela vertente do supereu imperativo de gozo: Goze!

Desde Freud, o supereu é o herdeiro do complexo de Édipo³, instância ligada à proibição do incesto e à castração. Sua apresentação se dá através da consciência moral e do sentimento de culpa. Em “O Mal-Estar na Civilização”⁴, ele apresenta o supereu como aquele que proíbe a satisfação pulsional e, ao mesmo tempo, se satisfaz desta proibição. Aqui está uma relação próxima ao que Lacan, no Seminário XX, traz do supereu como imperativo de gozo, insaciável.

Um outro ponto de vista interessante do texto de Beneti, é o que Miller resalta em seu texto, “Algumas considerações sobre o gozo autoerótico”⁵, em que ele destaca a dimensão do gozo cínico e autoerótico na toxicomania. Através da figura de Diógenes, o cínico, que se masturbava em praça pública, mostra sua relação cínica em relação aos ideais da polis grega. Aqui, parece retratar o desvelamento das convenções sociais, e que elas não passam de semblantes.

Éric Laurent, em seu texto “Três observações sobre a toxicomania”⁶, nos lembra a ideia de Lacan da toxicomania como ruptura com o gozo fálico, neste ponto ele afirma que não podemos pensar que para o toxicômano o ilegal seja uma atração, já que para ele “legal” ou “ilegal” não quer dizer nada. E nos lembra, ainda, que Lacan em seu Seminário sobre a ética da psicanálise diz: “Só a Lei nos torna desmedidamente pecadores.”⁷. Isso quer dizer que o pecador, aquele que se interessa pela transgressão, não rompeu com o gozo fálico.

Na toxicomania o funcionamento, portanto, não é pela via da formação de compromisso, mas sim pela lógica da formação de ruptura com o gozo fálico. Podemos pensar que, ao romper com o gozo fálico, o toxicômano rompe com o supereu da castração, das identificações parentais que ordenam e organizam o gozo, e o que reina radicalmente do supereu é a sua face obscena e imperativa do gozo?

Jésus Santiago⁸, ao abordar a relação do sujeito com o álcool, analisa algumas contribuições interessantes sobre o tema e a articulação com o supereu. Ele nos apresenta uma fórmula de Ernest Simmel de 1927: “O supereu alcoólico é solúvel no álcool.” Simmel faz uma aproximação do alcoolista com o melancólico, ressaltando que o sentimento de culpa, próprio dos melancólicos, também aparece nos alcoolistas quando sóbrios, mas que cessam quando estão alcoolizados. Portanto, os mecanismos do supereu estão ligados à melancolia que antecede ao uso do álcool. Deste ponto de vista, o que se conclui é que a toxicomania estaria a serviço de uma defesa contra a melancolia, ou melhor, a face do supereu na melancolia.

2 BATISTA, M. C. D. *Argumento “Tu deves”*. In: Boletim Tu deves... #01 da XIV Jornadas da EBP (2026). Seção São Paulo.

3 FREUD, S. O Ego e o Id (1923). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

4 FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

5 MILLER, J-A. Algumas considerações sobre o gozo autoerótico **apud** BENETI, A. A toxicomania não é mais o que era. In: MEZÊNCIO, Márcia et al. (orgs). *Tratamento possível das toxicomanias*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

6 LAURENT, E. Três observações sobre a toxicomania. In: MEZÊNCIO, Márcia et al. (orgs). *Tratamentos possíveis das Toxicomanias*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

7 LACAN, J. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)* **apud** LAURENT, E. Três observações sobre toxicomania. In: MEZÊNCIO, Márcia et al. (orgs). *Tratamentos possíveis das Toxicomanias*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

8 SANTIAGO, J. Pós-Freudismo e a função desgenitalizadora da droga. In: *A droga do toxicômano: uma parceria cínica na era da ciência*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

Jésus parece valorizar essa ideia, o uso do álcool com o objetivo de embriagar o supereu, e nos lembra que Freud já trazia a ideia do uso do álcool relacionado ao alívio das opressões exercidas pela razão crítica.

“(...) o supereu é um herdeiro do complexo de Édipo: ele guarda, enquanto tal, as marcas, as insígnias do que é o pai para o sujeito.

(...) Assim, o recurso à embriaguez deve ser considerado como um meio não de se subtrair aos efeitos da lei do pai, mas de restringir as consequências subjetivas e devastadoras dessa submissão.”⁹

Porém, Jésus descreve os dois tipos de manifestações do supereu: a dimensão da censura e o interdito e a dimensão da lei insensata. O apelo da voz da gula que ordena o sujeito alcoolista: “Beba!”

E conclui que a tese de Simmel se trata somente da vertente simbólica do supereu, reduzido a sua função de censura, deixando de lado o que Freud nos provoca sobre a vertente do supereu ligado ao excesso e às exigências da pulsão de morte. Deste modo, o que Jésus ressalta é a submissão cega ao imperativo: Beba! Ou seja, da vertente “Tu deves!” como imperativo de gozo.

Beneti, em seu texto acima citado, nos apresenta um aspecto interessante e atual em nossa sociedade:

“De repente, aparece uma população à margem dos laços sociais, à margem do sistema de produção e que consome uma substância quase que de forma epidêmica, que coloca a dimensão do sujeito como resto, dejetado, dentro dessa sociedade de hoje, resto social, resto dessa produção, desse discurso, simples objetos degradados e que colocam uma dimensão de passagem-ao-ato diferente daquela que presenciávamos ontem.”¹⁰

As “cracolândias” em nosso país colocam a céu aberto a política da segregação, que leva a nomeação dessas pessoas que ali se encontram como “zumbis”, colocando-os como objeto dejetado. Há uma devastação social e do uso de drogas nesta parte da população. A política de repressão às drogas, cuja saída é o encarceramento de pretos, pobres e periféricos, e/ou políticas públicas de tratamento que insistem em ter como conduta abstinência através de internações em hospitais e clínicas psiquiátricas, além das comunidades terapêuticas com orientação religiosa, apostam na lei como ordem de ferro. O que a psicanálise propõe como direção do tratamento? A psicanálise introduz o sujeito, indo de encontro ao discurso oficial. É o avesso, uma subversão desta lógica vigente.

A clínica de orientação psicanalítica coloca o acento no sujeito e no falasser. Como escutar e ler nesta clínica da adicção? O que detém e faz ponto de basta a esse gozo desmedido? Como atender alguém que se desligou do Outro? Não se trata de operar pela via do supereu da lei, da castração, da abstinência. O que seria então? No texto de Laurent, acima citado, ele termina com Hugo Freda: “(...) é o discurso o que, para além da censura, tenta manter o sujeito na via do desejo, única via que pode dar limite ao gozo.”¹¹

9 *Ibid.* p. 154.

10 BENETI, A. A toxicomania não é mais o que era. In: MEZÊNCIO, Márcia et al. (orgs). *Tratamento possível das toxicomanias*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 36.

11 LAURENT, E. Três observações sobre a toxicomania. In: MEZÊNCIO, Márcia et al. (orgs). *Tratamentos possíveis das Toxicomanias*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014, p. 25.

Nossa Comissão de Referência, em seu primeiro aperitivo, nos brindou com uma citação de Koretzky, que parece nos ajudar a pensar a clínica:

“‘Gulodice’ e ‘ordem de ferro’, eis duas formas do supereu na época da evaporação do Pai da tradição. Lacan, em seu retorno a releitura de Freud, nos permite fazer face às mudanças do século XXI. Assim, a demanda de certos sujeitos que vêm hoje nos ver não é, sem dúvida, tanto a de afrouxar a pressão de sua alienação ao desejo do Outro a fim de subjetivar a lógica do que se articula neles à sua revelia [...]. Talvez esses sujeitos venham cada vez mais buscar um espaço outro, um respiro, onde se abrigar de um Goza!, que nunca satisfaz a sua fome.”¹²

Seriam essas indicações clínicas? A direção do tratamento como um trabalho do um-a-um, através do discurso localizar a função singular desse objeto droga para este sujeito, e construir em análise uma nova relação com o supereu?

12 KORETZKY, C. Referências. In: Boletim Tu Deves... #01 da XIV Jornadas da EBP (2026). Seção São Paulo.

... ser impactado

Licene Garcia

Coordenadora da Comissão de Arte das XIV Jornadas da EBP-SP

A Comissão de Arte das XIV Jornadas da EBP-SP, “Bem-feito, supereu!”, conversou com Fernanda Leal, autora da obra *Fratura*, que compõe a identidade visual de nossas Jornadas este ano.

A escolha de *Fratura* surgiu como um convite à reflexão sobre a temática do supereu – pelo impacto que a obra produz e não apenas como um recurso para ilustrar o tema, fazendo valer o que Freud nos ensina: o artista precede o psicanalista.

Fernanda Leal é escritora, artista visual, editora e psicanalista. Formada em Psicologia, atua na clínica psicanalítica desde 2006. É Mestra (2010) e Doutora (2018) em Família na Sociedade Contemporânea, pesquisas que resultaram nos livros *O pai: uma função em declínio* (2017) e *A tristeza comum da mãe* (2019). Sua entrada no campo das artes começou pela escrita, com a publicação de *Um nome para o silêncio* (2022). É autora também de *Esse é o som que escreve* (2023), *Na ponta dos dedos* (2024) e *A vista só se abre no mar* (2025). O ingresso no mundo literário desdobrou-se em outros gestos, como o bordado.

Sua pesquisa poética parte, principalmente, da colheita – o gesto de recolher o que o tempo e o mar deixaram para trás: conchas, madeiras, tecidos, fragmentos de objetos e memórias. Esses materiais são costurados, bordados e recombinaados em novas composições, criando abrigos contra o esquecimento. Em suas obras, Fernanda investiga a permanência e o desaparecimento, o corpo e a casa, o tempo e o silêncio, oferecendo aos restos um outro destino: o de permanecer, ainda que em ruína.



Arte: Fratura – Fernanda Leal

Sem mais delongas, convidamos a todos a assistir à entrevista realizada por Licene Garcia, Edgley Duarte e Carolline Rangel que, ao lado de Ana Maria Almeida Guerra, Ana Sofia Guerra, Cynthia Gindro, James Valeriano e Milena Vicari Crastelo, compõem a Comissão de Arte das XIV Jornadas da EBP-SP.



Acesse a entrevista:

https://youtu.be/_YFv9_svfG0

... buscar referências



imagem: kwherzog-dandelion_pixabay.com

Neste segundo boletim, a Comissão de Referências Bibliográficas percorreu um caminho que parte da insensatez da lei diante do desejo materno à possibilidade de invenção na sublimação – acompanhando o Bem-feito/ Bem feito do Supereu!, cujo destino, no final de uma análise, aponta para uma perda de sua ferocidade e obscenidade.

O destino do supereu no final de uma análise, portanto, depende da concepção de análise que se tem. De qualquer forma, parece indicar uma perda de sua ferocidade e obscenidade.

Se, por um lado, seguindo-se o Freud do declínio do Édipo, pode-se pensar em um supereu que quase se reduziria à consciência moral e que equivaleria a um novo pacto do sujeito com a civilização e com o pai, por outro, temos com Lacan um enfoque na satisfação pulsional, por meio de certa liberação do gozo.

(...) direção geral que toma o supereu no tratamento analítico: o analista como *sinthoma*, uma passagem da fantasia à pulsão, uma maior possibilidade de escolha, um ganho de alegria, a capacidade de cingir o âmbito do supereu por meio de uma nomeação, uma nova abertura ao não-todo, uma nova visão do que constitui o supereu materno, uma indocilidade face ao imperativo, um novo uso do humor.(...)

Em resumo, um alívio da submissão do sujeito ao imperativo de gozo suscita uma nova responsabilização de cada um pelo seu desejo e sua satisfação.¹

Tensão entre Eu e Supereu em Freud e Lacan

O Super-eu aplica o mais rigoroso critério moral ao Eu abandonado à sua mercê, representa mesmo as exigências da moralidade, e logo notamos que o nosso sentimento de culpa é expressão da tensão entre Eu e Super-eu.²

A tensão assim constituída resolve-se, por um lado, mediante um recalçamento da tendência sexual, que desde então permanece latente - dando lugar a interesses neutros, eminentemente favoráveis às aquisições educacionais - até a puberdade, e, por outro lado, pela sublimação da imagem parental que perpetuará na consciência um ideal representativo [...]. Esse processo duplo tem uma importância genética fundamental, pois permanece inscrito no psiquismo em duas instâncias permanentes: a que recalca, chamada supereu, e a que sublima, o ideal de eu. Elas representam a conclusão da crise edipiana.³

O supereu é constrangedor e o ideal do eu exaltante.⁴

A lei insensata, o ideal de Eu e a sublimação

Freud

O sentimento de culpa, a dureza do Super-eu, é então o mesmo que a severidade da consciência, é a percepção que tem o Eu de ser vigiado assim, a apreciação da tensão entre os seus esforços e as exigências do Super-eu, e o medo ante essa instância crítica [...], a necessidade de castigo, é uma expressão instintual do Eu, que por influência do Super-eu sádico tornou-se masoquista, ou seja, emprega uma parte do instinto para destruição interna nele presente para formar uma ligação erótica com o Super-eu.⁵

1 BARROS, R. R. Prefácio. In: CAMPOS, S. *Supereu/Uerepus: das origens aos seus destinos*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015. p. 21.

2 FREUD, S. A dissecação da personalidade psíquica (1933). In: *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências à Psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Trad. Paulo C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 198.

3 LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo (1938). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 52-53.

4 LACAN, J. *O Seminário. Livro I: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 122-123.

5 FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferên-*

Haver trocado seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu não implica ter alcançado a sublimação de seus instintos libidinais. É certo que o ideal do Eu requer tal sublimação, mas não pode forçá-la. [...] a formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão; a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar a repressão.⁶

O Super-eu nasceu de uma identificação com o modelo do pai. Toda identificação assim tem o caráter de uma dessexualização ou mesmo sublimação. [...] O componente erótico não mais tem a força, após a sublimação, de vincular toda a destrutividade a ele combinada, e esta é liberada como pendor à agressão e à destruição. Dessa disjunção o ideal tiraria o caráter duro e cruel do imperioso “Ter que”.⁷

Lacan

O supereu é, a um só tempo, a lei e a sua destruição. [...] A lei se reduz inteiramente a alguma coisa que não se pode nem mesmo exprimir, como o Tu deves [...]. É nesse sentido que o supereu acaba por se identificar àquilo que há somente de mais devastador, de mais fascinante, nas experiências primitivas do sujeito. Acaba por se identificar ao que chamo figura feroz, às figuras que podemos ligar aos traumatismos primitivos, sejam eles quais forem, que a criança sofreu”.⁸

À questão sobre a fonte da moral Freud trouxe essa inapreciável conotação que chamou de *Mal-estar na civilização*, em outros termos, esse desregramento por meio do qual uma certa função psíquica, o supereu, parece encontrar em si mesma seu próprio agravamento por uma espécie de ruptura de freios que asseguravam sua justa incidência. Resta saber como, no interior desse desregramento, no fundo da vida psíquica, as tendências podem encontrar sua justa sublimação.⁹

Quem está num divã percebe que ela [a elaboração analítica] consiste em voltar o tempo todo à mesma coisa, que em todas as viradas se é levado para o mesmo troço, e isso precisa durar, para chegar [...] ao limite, ao término, quando se vai pelo caminho certo, naturalmente. Percebe-se que isso é um efeito de supereu, isto é, que essa espécie de fulano bandidão, supostamente extraído do complexo de Édipo,

cias à Psicanálise e outros textos (1930-1936). Trad. Paulo C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 109.

6 FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1914). In: *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de meapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Trad. Paulo C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 41.

7 FREUD, S. O Eu e o Id (1923). In: *Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. Trad. Paulo C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 68-69.

8 LACAN, J. *O Seminário. Livro I: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 123.

9 LACAN, J. *O Seminário - Livro 7: A Ética da Psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008, p.174.

ou da mãe devoradora, ou de qualquer dessas gangorras, tem, no entanto, uma relação com o lado desgastante, importuno, necessário e sobretudo repetido através do qual, na análise, efetivamente se chega, às vezes, a um fim.¹⁰

É justamente isso que ele [o falasser] não quer [trepar], no fim das contas. A prova é que, quando o deixamos sozinho, ele sublima o tempo todo, aos montes, ele vê a Beleza, o Bem – sem contar o Verdadeiro ...¹¹

Miller

O superego é certamente a lei, mas não a lei pacificadora e socializadora, e sim a lei insensata, na medida em que implica um vazio, uma ausência de justificação. É a lei como significante unário, S1, cujo significado desconhecemos, pois para conhecê-lo exigiria um segundo significante a partir do qual o primeiro adquire significado retroativamente. O superego é a evidência e o paradoxo que resultam de um significante que, por estar sozinho, é insensato.¹²

(...) como esse circuito do superego se traduz clinicamente? [...] gozar da renúncia ao gozo. (...) Numa primeira abordagem, o sintoma pode ser considerado como encarnando uma renúncia ao gozo. Basta considerar um sintoma de inibição para se ter uma ideia disso [...] Mas, numa segunda abordagem, o sintoma, que parece encarnar a renúncia ao gozo, revela-se portador de um gozo¹³.

(...) uma das contribuições importantes de Lacan em seus *Complexos familiares* [é] fazer a distinção, mais claramente do que Freud, entre o Superego e o Ideal do Eu, fazendo muito claramente do Superego o nome da instância do recalçamento, aquela que realiza o recalçamento e, sobre sua outra face, a do Ideal do Eu, a instância de sublimação, aquela em que uma imagem parental gloriosa pode acabar subjetivada. Permanecerá inteiramente constante no ensino de Lacan distinguir o Superego e o Ideal do Eu, de acordo com as indicações de Freud, mas, enfim, que estão aí formalizadas.¹⁴

10 LACAN, J. *O Seminário – Livro 16: De um Outro ao outro* (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008, p. 161-162.

11 LACAN, J. *O Seminário – Livro 20: Mais, Ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 164.

12 MILLER, J.-A. *Conferencias porteñas: tomo I, Desde Lacan*. Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 138. (Tradução nossa)

13 MILLER, J.-A. Jogar a partida. *Opção Lacaniana*, n.90, out 2025, p. 17.

14 MILLER, J.-A. Lacan e psicose. In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 186.

Passes

Sérgio de Campos

A enunciação materna “faça alguma coisa” fazia com que o sujeito interpretasse como “um pedido de socorro” o apelo da mãe, e a enunciação paterna “fique quieto”, como “não me desafie”. Essas duas enunciações se fundiram na voz do supereu: “Faça alguma coisa, fique quieto”. Assim, o supereu se constituiu para o sujeito mediante a inibição, a submissão e sua proibição equivalentes à inibição sexual, social e intelectual¹⁵.

Bernardino Horne

(...) do Nome-do-Supereu - pintinho esmagado - como nome que condena à fobia, à inibição, ao temor, à angústia; para o Nome-do-Pai: Varón, um varão que é um pintinho esmagado, mas não está esmagado por esse Não! do supereu (...)

(...) Lacan retoma a pére-version, fazendo-a equivalente à lei do amor. O pintinho esmagado, na nova perspectiva, toma a forma do feminino dentro do Varón e o conecta com certas sutilezas da vida, como poesia e o amor. Freud ([1927] 1996), em seu texto sobre o humor, interessa-se por essas manobras do sujeito diante do supereu, que permitem grandes traslados de libido.

E a satisfação da pulsão depois do final? Há um SIM, tu podes saber que a satisfação sublimatória supera no sentido de condensar mais quantidade do que o Gozo da impotência¹⁶.

15 CAMPOS, S. *Supereu/Uerepus: das origens aos seus destinos*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015. p. 260.

16 *Ibid.*, p. 232.

... propor o
seu trabalho



(imagem: prasongsom-ant_pixabay.com)

Orientações para o envio de trabalhos:

1. Os textos devem ter, no máximo, 5.000 caracteres (com espaços), escritos em

Times New Roman 12, justificados, espaçamento simples, com notas (referências) no fim de página;

2. Colocar no cabeçalho

o título do trabalho, o nome do(a) autor(a), endereço de e-mail e o eixo temático no qual o trabalho se insere;

3. Os textos devem ser enviados

em formato Word, anexado ao e-mail, colocando como assunto:
Bem-feito, supereu! – envio de trabalhos;

4. Enviar para: trabalhojornadasebpsp@gmail.com

5. Para que o trabalho seja avaliado, é necessário estar inscrito(a) nas Jornadas.

| Não é necessário ser membro da EBP ou associado de algum Instituto;

6. Data limite para envio dos trabalhos: **12/09/2026**;

Eixos temáticos

EIXO 1 – Manifestações clínicas paradigmáticas do SUPEREU

EIXO 2 – A ferocidade do supereu e o empuxo ao gozo

EIXO 3 – Paradoxos do Goze! na cultura

... garantir sua inscrição

Convidamos todos a se inscreverem nas XIV Jornadas da EBP-SP:
Bem-feito, supereu!

Para dúvidas e informações adicionais, entre em contato pelo e-mail
jornadas.ebpsp@gmail.com

Link de inscrição: <https://forms.gle/CfD239rTmwBtg5Y3A>



imagem: alexpee07-hieroglyphs_pixabay.com

... conhecer
a diretoria e
as comissões
organizadoras



imagem: tadeusz-zachwieja_unsplash.com

Diretoria da EBP- Seção São Paulo- 2025-2027

Diretora Geral: Veridiana Marucio

Diretora de Secretaria e Tesouraria: Jovita Carneiro de Lima

Diretora de Cartéis e Intercâmbio: Mirmila Musse

Diretora de Biblioteca: Camila Colás

Coordenação Geral

Camila Popadiuk

Comissão de Orientação

Maria do Carmo Dias Batista (coordenação)

Eliane Costa Dias

Heloísa Prado da Silva Telles

Marilsa Basso

Niraldo de Oliveira Santos

Patrícia Bichara

Rômulo Ferreira da Silva

Silvia Sato

Comissão de Divulgação

Maria Julia Swenson (coordenação)

Ana Stela Sande Segue

Clara Ottoni

Fábio Saad

Felipe Bier

Helena Daquanno Testi

Luisa Fromer

Mariana Amado

Comissão de Secretaria e Tesouraria

Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação)
 Francisco Lemes
 Renata Alves Fornaciari
 Renata Duarte
 Janaína de Paula Costa Veríssimo
 Bianca Wierman
 Katia Ribeiro Nadeau
 Hector Trinca Espagnoli

Comissão de Infraestrutura

Andressa Contó Luz (coordenação)
 Alan Seabra
 Fernanda Gelesko
 Layla Thamm
 Leandro Verzignassi Nunes
 Lilian Beiguelman
 Maíra Tumbiolo Tosi
 Priscila Tavares Viviani
 Renata Perche
 Ruth Galvão de Barros
 Sara Castro

Comissão de Referências Bibliográficas

Carmen Silvia Cervelatti (coordenação)
 Eduardo Vallejos da Rocha
 Gabriela Ponte Rodrigues
 Izabel Abreu
 João Paulo Desconci
 Luciana Ernanny Legey
 Perpétua Medrado Gonçalves
 Siglia Cruz de Sá Leão

Comissão de Boletim

Alessandra Sartorello Pecego (coordenação)
 Clarissa Carvalho
 Emmanuel Nunes de Melo
 Francisco Durante
 Gustavo Menezes

Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros
 Patricia Badari
 Paula Maia

Comissão de Livraria

Tatiana Vidotti (coordenação)
 Camila Morelli
 Camilla Baratto
 Caroline Silva
 Flaviana Pires Oliveira
 Lorrany Corrêa
 Natália Cassim
 Rosangela Turim
 Vinícius Tiola

Comissão de Acolhimento e Festa

Élida Biasoli Lenci (coordenação)
 Eduardo Caliendo Marchesan
 Jefferson Nascimento
 Helena Andrade
 Fernanda Cristina Gomes de Carvalho
 Teresinha Prado
 Débora Garcia

Comissão de Arte

Licene Garcia (coordenação)
 Ana Maria Almeida Guerra
 Ana Sofia Guerra
 Carolline Rangel
 Cynthia Gindro
 Edgley Duarte de Lima
 James Valeriano
 Milena Vicari Crastelo